

Nacionalismo e Religião

por José Farhat

Falar em Nação e Nacionalismo, em se tratando do mundo árabe, é aquilatar quanta carga de influência exerce a Religião sobre estes conceitos.

Nação é uma comunidade humana fixada num mesmo território, sendo irrelevante o tamanho daquela ou a extensão deste, ligada em seu seio por laços históricos, culturais, lingüísticos e econômicos.

Já Nacionalismo é a doutrina que afirma a preeminência da Nação com relação aos interesses dos grupos, das classes, dos indivíduos que a constituem.

Pois bem, se acordarmos o nosso Ibn Batuta¹, viajante máximo e conhecedor de todas as bibocas das arábias e além delas, para que percorra novamente os países da língua do dod² ele certamente não encontrará pessoas, lugares e condições que se encaixem plenamente nas definições clássicas acima.

Veremos também que um ponto importante não está arrolado, com o destaque que merece, nestas definições.

Para buscarmos tais seres humanos teremos que recuar no tempo, pois o que nos ensina a sabedoria é que o atual Oriente Médio é a terra de Shem ou Sem³, o mais velho dos três filhos de Noé o qual, segundo a genealogia do Velho Testamento,⁴ dele descendem árabes,⁵ arameus⁶ e hebreus.⁷

Estes três povos não tinham, propriamente um mesmo território comum, andavam pelas terras de Chem, até as de Tigre e Eufrates e até os confins da península arábica. Pode-se afirmar, no entanto, terem a mesma origem, viverem da mesma atividade, falarem línguas derivadas de uma só fonte, mas, assim mesmo, nem de longe formavam uma Nação. O registro serve apenas para mostrar que a Religião já estava presente na vida dos semitas e obviamente dos árabes, desde então.

O Velho Testamento, os Evangelhos e o Alcorão citam também outras histórias que nos dão indicações da origem dos árabes. A pidona Sarah, esposa do idoso Patriarca Abraão, casal sem filhos, fez com que sua escrava Hagar, com a intervenção divina, lhes gerasse um filho. Mordendo-se de ciúme, novamente obteve a mediação de Deus, para que ela também tivesse um filho. O primeiro foi Ismael e o segundo Isaque, aquele pai dos árabes e este pai dos judeus. Ambos reivindicam que o seu antepassado foi exposto à morte, no chamado sacrifício de Abraão.

Estas duas histórias, tiradas de livros sagrados, não são contraditórias, são dois atos de uma só peça, separados por tempos imemoriais.

Alguém pode duvidar de tudo isto, mas há centenas de milhões que acreditam piamente nestas histórias, através da História e hoje, inclusive pela simples razão de que ser crente mui raramente é sinônimo de sábio, historiador ou arqueólogo...

¹ Abu Abd Allah Ibn Batuta, viajante e geógrafo árabe (1304 – 1368/1377). Visitou os Orientes, Médio e Extremo, assim como o Saara, o Sudão e o Níger e escreveu um livro *Jornal do Caminho*.

² Referência à língua árabe, a única a possuir o som particular da letra “dod” a décima quinta do alfabeto.

³ Bilad El-Chem como era e ainda é chamada a região que compreende na atualidade: Síria, Líbano, Palestina e Jordânia.

⁴ Há quem queira, hoje em dia, transformar o *Velho Testamento* em livro de registro de cartório imobiliário, e, pelo que acabamos de ver acima, poderia passar a ser também considerado um livro de cartório de registro civil.

⁵ Os Árabes são os naturais ou habitantes da península arábica, de sua região desértica, de diversos Estados e qualquer dos povos semitas da mesma origem, espalhados pelas regiões circunvizinhas, até mesmo, hoje em dia, pelo norte da África.

⁶ Os Arameus, inicialmente nômades, fundaram vários Estados na atual Síria e na parte mesopotâmica do atual Iraque. Sua língua semítica, o aramaico, foi a do Oriente desde o século VIII aC e só desapareceu com a conquista árabe, no século VII dC, mas, apesar disto, ainda é falada em Maaluli e vizinhanças, na Síria atual.

⁷ Os Hebreus têm sua história retratada pela Bíblia desde 2000/1770 aC, originais de tribos nômades das bordas do deserto sírio, instalaram-se em Canaã, depois no Egito, na Palestina, de lá foram expulsos por Assírios e Babilônios, a Pérsia permitiu que voltassem e lá ficaram até sua expulsão, em 70 dC, pelos Romanos.

As tribos árabes nômades pagãs vagueavam pelos desertos da região, eventualmente se estabeleciam, aqui ou ali, provisória ou permanentemente, falavam principalmente o árabe, a grande maioria delas era pagã e algumas eram formadas por judeus ou cristãos.

Tênuos laços as uniam e muitos motivos tinham para guerrear, principalmente os poucos meios de sobrevivência tais como pastos e água e, já então, a influência que dois impérios externos, no caso o persa e o bizantino, tramavam para colocá-los como escudos entre eles, ou até mesmo para que impedissem a passagem das tribos indesejáveis para dentro de suas respectivas fronteiras. Já era o imperialismo interferindo em suas vidas.

Tudo isto sofreria uma reviravolta a partir da revelação, quando o Arcanjo Gabriel disse a Maomé, um analfabeto: “*Lê, em nome de teu Senhor*”.⁸ E, a partir daí, Maomé fundava uma Religião e, por conseguinte, uma Nação. É opinião do Professor Hilmi Nasr,⁹ compartilhada por muitos entendidos e crentes, que o fundamento primeiro da constituição do estado islâmico e a base determinante da religião e da disciplina política, está essencialmente no Alcorão¹⁰ quando diz: “*Ó vós que credes! Obedecei a Deus e obedecei ao Mensageiro e às autoridades, dentre vós. E, se disputais por algo, levai-o a Deus e ao Mensageiro, se sois crentes em Deus e no Derradeiro Dia. Isso é melhor e mais belo, em interpretação.*”¹¹ Ficava assim estabelecida uma hierarquia e uma organização jurídica.

A segunda seria: “*Sois a melhor comunidade que se fez, para a humanidade: ordenais o conveniente e coibis o reprovável e credes em Deus.*”¹² Ficou assim dado aos crentes uma visão de orgulho, humanismo, justiça e credo em Deus. Estava aberta a porta do futuro.

Em seguida, para preservar os crentes de perseguição, uma revelação divina, orientaria todos os muçulmanos para que deixassem Meca e partissem para Medina, tendo à frente o Profeta. Desde a chegada a Medina, onde foram acolhidos pela população local, toda a existência da sociedade e dos indivíduos se organizou em conformidade às ordens divinas e às instruções de seu Mensageiro. Como afirma o escritor e filósofo Roger du Pasquier¹³: “*O Dar al-Islam, o Estado islâmico, instaurado em Medina, deveria ser o modelo destinado a inspirar os muçulmanos nos séculos vindouros*”.

Afirma ainda du Pasquier que estavam assim estabelecidos: a organização da vida da nova comunidade e o lançamento das bases do Estado. Acrescenta mais que “entre os diferentes grupos que formavam esta comunidade: os emigrantes (*muhajirun*) que vieram de Meca, os apoiadores (*ansar*) convertidos locais (habitantes de Medina), o Profeta estabeleceu os laços fraternais, inculcando-lhes um sentido de solidariedade que nunca iria completamente desaparecer da sociedade islâmica”.

A comunidade, a *umma*, dos muçulmanos marca a ultrapassagem do fato de se pertencer a uma tribo, a uma etnia, a uma cidade (como no caso de Meca), e depois a uma nacionalidade, para o de se pertencer a uma religião.

Karen Armstrong¹⁴ em sua biografia do Profeta informa com alegria¹⁵ que: “Foi escrito um tratado (entre os emigrantes e os apoiadores) que, por um golpe de sorte, foi

⁸ Alcorão XCVI, 1.

⁹ Professor Dr. Helmi Nasr, Professor de Estudos Árabes e Islâmicos da Universidade de São Paulo e Vice-Presidente da Câmara de Comércio Árabe Brasileira.

¹⁰ Nas citações do Alcorão, usaremos a tradução de seu sentido, para a língua portuguesa, realizada pelo Professor Dr. Helmi Nasr. O número romano indica a Surat e o arábico o Versículo. Discordamos, no entanto, e adotamos “Deus” e não “Allah” como nome do Criador, pois é esta a tradução de Seu nome e também para que não pareça que os muçulmanos têm um Deus diferente das outras religiões monoteístas.

¹¹ Alcorão IV, 59.

¹² Alcorão III, 110.

¹³ Roger Du Pasquier, *Découverte de l’Islam*, edição especial do Institut Islamique de Genève, Éditions des Trois Continents, pg 49.

¹⁴ Karen Armstrong, britânica, foi freira da Irmandade do Sagrado Menino Jesus, bacharelou-se pela Universidade de Oxford, é professora na Universidade de Londres e no Baecck College, recebeu várias homenagens por promover o entendimento entre as três religiões monoteístas, in *Maomé: uma biografia do Profeta*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, pg 176/177.

preservado nas fontes primárias, de modo que podemos ver o projeto (de constituição) da primeira comunidade islâmica. Declarava que Maomé fazia uma aliança com as tribos árabes e judias de Medina. Todas as diferentes tribos do oásis deveriam sepultar antigas inimizades e formar, por assim dizer, uma nova supertribo. Muçulmanos e judeus deveriam viver em paz com os pagãos de Medina, desde que estes não fizessem um pacto à parte com Meca, na tentativa de se livrar do Profeta. Deus era o chefe da comunidade e a única fonte de segurança.¹⁶

Pode-se afirmar que nasceu uma Nação, envolta pela Religião.

A importância da religião na sociedade é enfatizada por Seyed Muhammad Khatami¹⁷, ao afirmar: “Nossa sociedade tem uma identidade religiosa. Em toda a história (...), o clero desempenhou um papel crucial, alertando as pessoas para as patologias sociais, incitando-as a combater a injustiça, despertando a sua identidade religiosa. Em nossa história, o Islã convidou permanentemente o povo a unir-se na crença religiosa, protegendo a sua dignidade individual e social.”

Não faz a mínima importância o fato de Khatami ser contemporâneo nosso e de ser iraniano e não árabe, ele fala do mesmo Islã, da mesma *umma*, independentemente de fronteiras políticas.

Fred M. Donner¹⁸ escreve que: “Com a morte de Maomé em 632 dC, a jovem comunidade de crentes enfrentou um conjunto de desafios difíceis. O primeiro e mais básico desafio era resolver a questão: deveriam os crentes constituir uma única entidade sob um líder, mesmo após a morte de Maomé ou deveriam eles pertencer a comunidades separadas, cada uma encabeçada por seu próprio líder político. Ao final, resolveram os crentes permanecer uma única comunidade e elegeram o sogro e leal apoiador de Maomé, Abu Bakr¹⁹ para ser o seu primeiro sucessor. Abu Bakr e os subsequentes líderes da comunidade islâmica são conhecidos na tradição islâmica como califas (do árabe *khalifa*, significando ‘sucessor’ ou ‘representante’).”

A falta do Profeta e a má vontade de pagar imposto ao Califa geraram uma série de rebeliões que foram abafadas e, ainda segundo Fred M. Donner “ao final de dois anos de campanha, Abu Bakr e os crentes de Medina haviam trazido a inteira península arábica sob seu controle, abrindo o caminho para as conquistas seguintes que dentro de algumas décadas mais, tornou os crentes mestres de um vasto império.” O Estado muçulmano já estava beirando o que hoje é o Iraque e a Síria, quando Abu Bakr morreu.

Umar Ibn Al-Khattab²⁰ foi o primeiro Califa a se chamar de *Amir al-Um'minin* (Comandante dos Crentes) e o seu califado o Estado islâmico passou de um principado árabe a uma potência mundial. Com sua habilidade Umar controlou a política e fixou os princípios de administração das terras conquistadas. As estruturas do Estado, inclusive as práticas jurídicas foram lançadas e, uma semana após haver nomeado uma comissão encarregada de propor um seu sucessor, foi assassinado por um escravo.

A Nação do Islã havia se expandido, mas ainda continuava árabe, quando Uthman Ibn Affan²¹ assumiu o califado, centralizou a administração, fixou a vulgata corânica e, com sua morte marcou o início de conflitos religiosos e políticos. A religião e a política, como

¹⁵ Em 22 de abril de 2002, em reunião com leitores e admiradores, na Feira do Livro de São Paulo, a ex-freira Karen Armstrong respondeu a um leitor indiscreto que se tivesse de escolher com quem casar, escolheria o Profeta. Sente-se admiração ao longo da biografia de Maomé que escreveu.

¹⁶ *Dhimma*, em árabe, no sentido de que Deus era o fiador da *umma*.

¹⁷ Hijjatulislam Sayed Muhammad Khatami, filósofo, teólogo, líder político e espiritual, ativista da paz e do diálogo inter-religioso, ex-Ministro e ex-Presidente do Irã, in *Diálogo entre civilizações: O Irã contemporâneo e o Ocidente*, São Paulo: Attar Editorial, 2006, pg 37.

¹⁸ Fred M. Donner, professor de história e línguas do Oriente Próximo na Universidade de Chicago, in *The Oxford History of Islam*, editado por John L. Esposito, professor de Religião na Georgetown University e promotor do entendimento entre Muçulmanos e Cristão, Oxford University Press, New York, 1999, pg 19.

¹⁹ Attiq ibn Uthman (573 – 634), mais conhecido por sua alcunha de Abu Bakr Al-Siddiq (o Verdadeiro), dizem ser o primeiro homem adulto a se converter ao Islã, é oriundo de um clã menor da tribo de Quraish.

²⁰ Umr ibn Al-Khattab (586 – 644), o segundo Califa, é oriundo também de um clã da tribo de Qureish e também era sogro de Maomé (que casou com sua filha Hafsa).

²¹ Uthman Ibn Affan (? – 656) nasceu no rico e influente clã dos Omíadas.

sempre, andavam juntas no novo Estado. Uthman foi assassinado em sua casa pelos exércitos rebeldes que buscavam verbas para se manterem e o acusavam de nepotismo.

O quarto Califa Ali ibn Abu Talib,²² e a questão do seu direito ao califado resultou na única grande dissidência no Islã, em sunitas e xiitas. Seus quase cinco anos de califado foram coroados por dificuldades devido aos corruptos negócios de Estado que herdou de Uthman e seus familiares. Baseou seu governo nos ideais islâmicos de justiça social e igualdade. Ali desagradou a aristocracia do clã de Meca que se tornaram ricos com as conquistas muçulmanas. Ao cabo de duas rebeliões, uma liderada por Aïsha, uma das mulheres do Profeta e filha de Abu Bakr, e a segunda liderada por Muawiya,²³ primo de Uthman, o terceiro Califa e beneficiário das arrecadações como Governador de Damasco. Não demorou e Ali perdeu para Muawiya o controle do Egito e do Hejaz (o que é hoje o leste da Arábia Saudita, beirando o Mar Vermelho).

Quando Ali foi assassinado, Muawiya assumiu o califado. A contribuição deste quinto Califa para a história do Islã está totalmente associada à sua carreira na Síria, logo após a morte do Profeta, quando comandou as forças tribais islâmicas contra Bizâncio e, vitorioso, foi nomeado por Omar, governador de Damasco. Ainda como governador, capturou Chipre e Rodes e dizimou a força naval bizantina na costa da Anatólia e, por terra, despachava expedições em terras bizantinas. Ele já não mais atuava como governador. Com a ascensão de Ali ao califado, Muawiya se rebelou, acusando o Califa de negligenciar na captura e punição dos responsáveis pelo assassinato de Uthman. Houve batalhas contra Ali e contra um de seus filhos que resultaram na vitória de Muawiya.

Transferindo a sede do Califado para Damasco, Muwaiya continuou a se escorar nos exércitos tribais para a conquista de novos territórios e contra os infiéis. O Império se estendeu até Tlemcen (na atual Argélia) e, ao leste, até o Rio Oxus (nos atuais: Afeganistão, Tagiquistão, Uzbequistão, Turquemenistão). Mas o que interessa mais sobre nacionalismo árabe e religião islâmica, com relação ao governo de Muwaiya, é seu entendimento de que as tradições tribais e as práticas de Maomé em Medina já não eram adequadas para administrar um vasto Império. Muwaiya emprestou os procedimentos dos Impérios Romano e Bizantino para implementar a organização e centralização do governo do califado, garantindo o controle dos territórios internos e conquistados. Ele criou uma chancelaria e um serviço postal eficiente que o mantinha informado. Como parte da política de tolerância religiosa, Muwaiya empregou cristãos oriundos das famílias sírias e dos territórios conquistados, nos departamentos do califado.

Muwaiya desagradou aos sunitas que o acusavam de desvios do padrão de liderança de Maomé e dos califas bem guiados;²⁴ e, os xiitas o acusavam de haver usurpado o califado de Ali, porém, em matéria de Religião, ele foi incentivador de sua expansão e, em termos de política e organização do Estado ele foi espírito aberto e inovador.

André Miquel²⁵ atesta: “Os Omáyyadas edificam um dos poderes mais impressionantes que a humanidade alguma vez conheceu. Com eles, o Islame sagra-se, em plena Idade Média, como o prolongamento dos grandes impérios à antiga. Territorialmente, recobre – Grécia e Ásia Menor, exceptuadas – as regiões onde se instalaram os Estados sucessores de Alexandre, mas também uma boa parte da metade meridional das conquistas romanas. O facto tem consequências incalculáveis: pela primeira vez, estes dois conjuntos, do delta do Indo à Hispânia, são reunidos sob uma mesma autoridade, fundidos num só domínio econômico, prometidos a uma mesma cultura.” E continua André Miquel: “O êxito assentou (...) numa espécie de constância beduína, oportunamente activada, sublimada pelo Islame.”

²² Ali ibn Abu Talib (600 – 661), era primo e genro do Profeta e foi criado na casa deste.

²³ Muawiya ibn Abi Sufian (602 – 680), o quinto Califa e fundador da dinastia Omíada.

²⁴ Referência aos quatro Califas que imediatamente sucederam a Maomé: Abu Bakr, Omar, Uthman e Ali.

²⁵ André Miquel, Professor da Escola Prática de Altos Estudos de Paris, in *O Islame e sua civilização: séculos VII-XX*, Edições Cosmos, Lisboa, 1971.

Afirma ainda André Miquel: “...O poder militar, econômico e cultural do Islame está já em germe no califado de Damasco. Em inúmeros domínios, os Omáyyadas semeiam e os Abbássidas recolhem.”

Os Abássidas, descendentes do tio de Maomé Al-Abbas²⁶derrubaram o califado de Damasco por meio de uma rebelião militar.

Fred M. Donner sublinha que: “(Por volta de) 692, os Crentes abraçaram mais claramente do que antes sua identidade de Muçulmanos – isto é, uma confissão monoteísta seguidora dos ensinamentos de Maomé e do Alcorão e por esta razão distinta de outras monoteístas como Judeus e Cristãos. Durante os dois e meio séculos que se seguiram à segunda guerra (islâmica entre Husain, neto do Profeta e Yazid, filho do Mawayia) (750 – 950 dC) as estruturas rudimentares da antiga comunidade dos crentes amadureceu, provendo os califas com o mecanismo militar e administrativo necessário para conter as divisões (internas). O período (...), então, representou o apogeu do império dos califas – uma idade de expansão política e comunitária, grande desenvolvimento institucional e cultural e crescimento econômico.”

Não há dúvida que a Nação tirava sua inspiração na Religião e assim continuaria sob os Abássidas. A Religião foi tão importante na ascensão abássida que esta dinastia procurou sua legitimidade se declarando “da família do Profeta.”

André Miquel resume a grandeza e ficções do califado abássida de Bagdá com estas palavras: “Até meados dos séculos V / XI ²⁷o califado de Bagdad, fazendo frutificar a herança omáyyada, e enriquecendo com o sangue novo que lhe vem sobretudo da Pérsia, vê florescer uma civilização e uma cultura consideradas ainda hoje como a forma suprema do sucesso do Islame. Contudo, depois de transcorridos os primeiros decênios deste império, as crises (...) vêm mutilar a brilhante fachada das cidades, das rotas comerciais e das trocas espirituais. Não só crises políticas, financeiras, mas também crises sociais, étnicas e religiosas”

A proclamação de dois califados rivais, no Cairo e em Córdoba, foi o anúncio claro do estabelecimento da desunião muçulmana.

Em Bagdá, os Califas abássidas se enfraqueciam com o passar dos dias, enquanto crescia o poder pretoriano daqueles que viriam a se tornar os donos do destino do Islã: os turcos!

Continuava a Religião a dominar a vida dos crentes e os negócios de Estado, mas passavam os árabes a serem paulatinamente dominados por outras etnias.

E assim foi até o século XX e, como vemos, nada mudou nos últimos 14 séculos. A *Charia*, palavra árabe que significa “o caminho que leva ao bebedouro” e, por extensão, “o caminho que se deve seguir”, é a Lei canônica islâmica regendo a vida religiosa, política, social e individual, desde quando se estabeleceu o estado islâmico em Medina. A *Charia* prevaleceu através da História e é largamente aplicada em alguns Estados muçulmanos, hoje em dia, tais como: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Omã e Sudão. Mesmo naqueles países árabes que não são regidos pela *Charia*, a Religião tem uma influência dominante.

Estão entre os não-árabes que adotam a *Charia*: Afeganistão, Irã, Nigéria e Paquistão. Entre os países não-árabes onde a *Charia* não impera: a Religião tem um predomínio importantíssimo.

Se voltarmos às definições clássicas de Nação e Nacionalismo e tentarmos aplicá-las aos países que compõem a Liga dos Estados Árabes²⁸, vamos nos deparar com fatos, às vezes curiosos, que delas nos afastam e nos levam a constatar a imensa e pesada influência

²⁶ Al-Abbas ibn Abd al-Muttalib (556 – 653 dC).

²⁷ Refere-se ao século V do calendário muçulmano e XI do calendário cristão.

²⁸ Fundada durante a II Guerra Mundial, no Cairo, a Liga dos Estados Árabes é composta de 22 países, a saber: Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Catar, Djibuti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Ilhas Comores, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Omã, Palestina, Síria, Somália, Sudão e Tunísia.

religiosa, um predomínio sobre os povos que compõem a Nação, varando os séculos, desafiando a geografia.

Dá para notar que a Liga não passa de um agrupamento, se tanto, de países com políticas e alianças heterogêneas, interesses econômicos contraditórios, com critérios religiosos variáveis. Na origem, cada um deles tinha um vínculo com uma potência estrangeira; hoje em dia, as mandantes mudaram, mas continuam na ativa. Albert Hourani²⁹ nos ensina: “Esta (A Liga Árabe) reunia sete estados que tinham certa liberdade de ação (Egito, Síria, Líbano, Transjordânia³⁰, Iraque, Arábia Saudita e Iêmen), junto com um representante dos árabes palestinos, deixando-se a porta aberta para outros estados árabes entrarem se se tornassem independentes”.

É evidente que nem pretenderam pensar sequer em uma Nação. O que tinham estes sete em comum era obviamente a Religião. Pode-se afirmar isto, mas com senões, pois o Líbano, nem árabe queria ser e nem tampouco reconhecer que os muçulmanos já eram maioria.

Ao dizer Religião, está-se falando naturalmente do Islã, pois, na maioria dos países árabes, o Cristianismo e o Judaísmo, são minoritários. A língua comum era certamente um elo de união, mas nem por isto capaz de conduzir à formação de uma Nação. A luta contra a ocupação estrangeira poderia ser fator de união, mas não era: a França ocupava a Síria e o Líbano, a Grã Bretanha ocupava o Egito e o Iraque e inventara a Transjordânia (atual Jordânia) do nada e a Arábia Saudita havia trocado a influência de uma petrolífera britânica por outra estadunidense.

A ampliação da Liga Árabe, a independência de praticamente todos os países que a compõem, a pujança econômica de uns e a penúria de outros, em nada mudou a situação, pois a Religião continua a ser o único elo entre eles.

²⁹ Albert Hourani, foi professor no Saint Anthony's College – Oxford e era considerado uma das mais eminentes autoridades em história e cultura árabes do século passado, in *Uma História dos Povos Árabes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pg. 359.

³⁰ País inventado pelo Império Britânico, para compensar Abdallah Ibn Hussein Al-Hachemi da traição contra os árabes que se levantaram contra o Império Otomano e para suborná-lo para que se calasse quanto à outra traição: a entrega da Palestina, de mão beijada, para os sionistas.